

NO PANTANAL DA NHECOLÂNDIA: OUTRAS CONVERSAS

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos¹

RESUMO: O artigo é resultado do trabalho que desenvolvemos no GT de Literatura Comparada da ANPOLL, em projeto de pesquisa que tem por objetivo discutir os conceitos críticos na América Latina. Sob esta perspectiva, nossa reflexão volta-se para a re visão do Regionalismo como renovada categoria trans - histórica, cujo conceito operatório torna-se valida do, em sua análise, para explicar os atuais transladamentos culturais e ao que o discurso crítico latino-americano denomina transculturação narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica; Literatura Comparada; região sul-mato-gros sense; estudos culturais.

ABSTRACT:

This article is the result of a work developed in the Comparative Literature GT of ANPOLL, in a research project that aimed to discuss the critical concepts in Latin America. Under this perspective, our reflection goes back to the revision of the Regionalism as a renewed trans-historical category, whose operative concept is validated, in this analysis, to explain the current cultural translations and what Latin-American critical speech denominates narrative transculturation.

KEYWORDS:

Critic; Cultural Studies; Comparative Literature; Sul-mato-grossense Region

Numa obra literária os traços da cor local e as circunstâncias históricas, geográficas e sociais são inevitáveis, pois o escritor está sempre rondando suas origens; às vezes, sem se dar conta, são sempre essas origens que o seguem de perto, como uma sombra, ou mesmo de longe, como um sonho ou um pesadelo.

M. Hatoum²

1. Introdução

¹ Doutor em Literatura Comparada. Professor da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da UFGD.

Membro da Academia Sul-mato-grossense de Letras.

² M. Hatoum. **Literatura & Memória:** notas sobre relato de um certo oriente.

Com o advento do século XXI e a expansão da globalização cultural, alguns conceitos críticos e operacionais, relativos à vida da cultura enquanto história dos textos, acabam sofrendo reformatações outras, questionando perspectivas binárias, numa evidente necessidade de se pensar “para além dos binarismos” que ainda formataram o projeto moderno no século passado. Em particular, as noções de região e regionalismo e suas confluências em “regiões culturais” não só tiveram suas perspectivas “defasadas”, mas ao mesmo tempo colocaram em demanda uma outra “situação crítica”, voltada para a “permanência” do local/localização e da aldeia ³. Sob essa perspectiva, este artigo volta-se para a análise da literatura regional sul-mato-grossense, na tentativa de demonstrar o registro de uma voz enunciativa que se identifica através das relações de pertencimento tematizadas em obras e/ou sujeitos do universo de discurso literário.

A região cultural e objeto de nossa reflexão mostra -se como uma das regiões sociologicamente mais importantes do país: a do “Me lting-pot” da fronteira Brasil-Paraguai. Trata-se da região que fez germinar, entre outros, um escritor como Hélio Serejo, dos mais singulares da literatura regional brasileira, já comparado a Jorge Amado e autor de mais de sessenta obras literárias .

A postulação de “regiões culturais” encontra no crítico argentino Ricardo Kaliman sua formulação mais específica e orientadora. Ao estudar o conceito de região a partir da teoria literária, Kaliman propõe a verificação da relação entre literatura e espaço. Assim, há um lugar de onde se escreve, o espaço de enunciação e um lugar como tema sobre o que se escreve propriamente dito, que resultariam num lugar no qual circula a literatura. (KALIMAN, 1994, p. 3-5). Ainda, reconhece o autor a validade do conceito de literatura regional, que, explícita ou implicitamente, mantém sua validade: “[...]a literatura regional seria aquela produzida por autores que escrevem em certa região e falam dessa mesma região.” (p.8). Todavia, essa constatação mostra de sdobramentos, uma vez que Kaliman propõe uma circunscrição espaço-temporal mais abrangente para a constituição das regiões, ao reconhecer que a “referência” de uma região decorre de um critério dado em função dos interesses de uma determinada investigação. Daí sua proposta avançar a um lugar de relevância para os estudos de “região cultural”, pois, desse modo, “região deixa de ser um postulado para tornar-se uma hipótese.” Propõe pensá-la como instrumento para

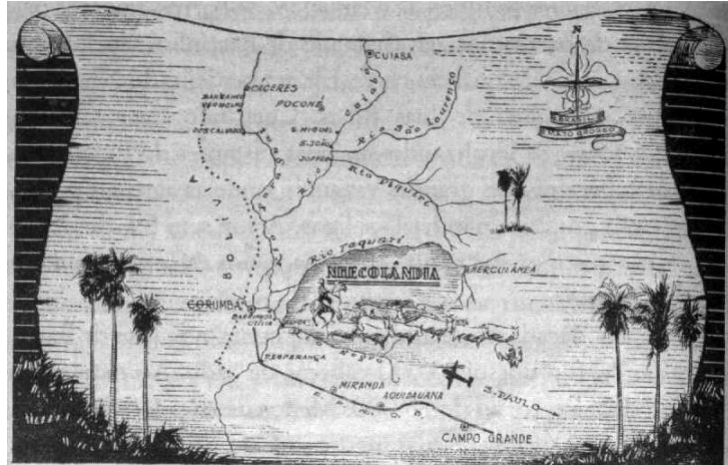
³ Ver, neste sentido, o nosso **Regionalismo**: reverificação de um conceito

a produção de conhecimento, considerando-a como um conjunto heterogêneo, *una circunscripción espacio-temporal*, o que revitaliza o debate sobre a diferença entre região física e região constituída por afinidades ideológicas e conceituais. *Circunscripción* carrega uma idéia implícita, digna de discussão, pois, “una região no es el conjunto de realidades materiales contenidas dentro de determinados limites espacio-temporales, más precisamente, el constructo mental – o social, según el marco conceptual en el que estamos trabajando – en el cual imaginamos esos límites.” (KALIMAN, 1998, p.2).

Pesquisas recentes tratam de estudar a “rede” de relações artístico-culturais nos vários pólos regionais do país. O objetivo deste artigo justifica-se em relação à constituição de uma região cultural do extremo Oeste do Brasil, na verificação de sua própria geografia identitária. Como constata Léa Masina, crítica dos regionalismos culturais, ao comparar esta região cultural com a do Sul do país, pois, trata-se de uma região de “fronteira viva, lindeira com um país de cultura tradicional espanhola, como é o Paraguai, a cultura sul-mato-grossense constitui-se à sombra da história local.” (MASINA, 2008, p.9).

2. Um encontro marcado: Manoel de Barros e Guimarães Rosa

O cronista da famosa expedição Langsdorff, Hércules Florence, atravessando o extremo Oeste do Brasil, em 1827, com o olhar do descobridor europeu, registrou as “maravilhas” de um eldorado que não conhecia fronteiras, nem limites, quer sejam dos domínios e posses dos largos campos e sertões, quer seja na perspectiva do imaginário dos bandeirantes que ocuparam a vasta depressão da planície pantaneira, constituída pelos amplos horizontes do Planalto do Brasil Meridional. Em um de seus relatos, o cronista assim teria anotado: “Havia na província de Mato Grosso uma região chamada Firme. Essa região foi batizada por Fazenda Firme, que foi habitada pelo pioneiro Nheco, de onde derivou o nome Nhecolândia.”



Vinheta do Boletim da Nhecolândia (1934). Os bois caminhando para leste parecem indicar o sentido da ocupação desses pantanais (Barros, 1998, p. 100).

Assim podia sintetizar-se o relato do “maravilhas” do sertão isolado da corte por muitas vezes nosso cronista que, entre retratar as léguas, cujo contato só podia ser feito pela Bacia do Prata, ou apreender, pela tarefa mesma de seu ofício, a arte de cronista, o impossível traslado da experiência e da força do contato vivenciado naquele outro mundo, tão distante, tão estranho porque tão diferente – e não, entre retratar e interpretar os sinais das novas terras conhecidas –, impunha-se como resistência a própria natureza a oferecer-se como enigma – posto que desconhecida – que enove as paisagens variadas, encantatórias, reafirmadoras de sua própria *physis*, na construção de um território outro, produto de um espaço reinventado. Assim, Berwanger (1998, p. 23-27) formulou importante conceituação da paisagem como transgressão de limites, e, seguindo a esteira de Derrida, entre outros, a pesquisadora delimita a composição da paisagem enquanto deslocamento incessante a um horizonte infinito, como legítima expressão do processo de criação literária, que se segue pelo duplo ritmo do tecer e do destecer. Os estudos sobre paisagem, as perspectivas de análise da paisagem, considerando sua articulação pela representação espacial, tratariam de “perceber, na intimidade do artesanato poético, o fio condutor do espaço cujo traço da oscilação, do espaço que hesita entre o fazer e o desfazer, sulca a paisagem intervalar mais infinita, paisagem que concretiza o sonho baudelaireano do ‘vaste’” (BERWANGER, 1998, p. 27).

Sob essa perspectiva, interessa-nos refletir sobre a ideia de paisagem como sentimento do lugar reinventado no próprio fazer poético, considerando a imagem do horizonte como tema e elemento estruturador do conceito de imagem visada pela busca

do horizonte inatingível, infinito.

Retomando o relato do cronista da expedição Langsdorff, Hércules Florence, queremos considerar a idéia de paisagem como *locus* do espaço geofísico do entorno do Pantanal, o regional sul-mato-grossense, e o caráter psicossocial de sua agente, por entender que esta grande planície, uma das maiores do mundo, é decerto responsável por alguns traços particulares desta gente ou de sua maneira de articular de ver o mundo. Segundo Barros (1998), num importante volume (**Gente pantaneira**), que constitui valioso material histórico, sociológico, antropológico, folclórico, lingüístico e genealógico, o meio físico-geográfico deveria influir no comportamento humano; assim, o homem das montanhas, tendendo à introversão, ao enclausuramento – constituindo nisto sua paisagem – diferencia-se do da planície, como o pantaneiro, cuja personalidade mostra-se mais aberta, solta e tendente à aventura e à mobilidade. Daí resulta que a beleza da paisagem – da planície – acaba imprimindo certa estética da amplitude ligada à abertura e largueza de vista.

Já o Visconde de Taunay, ao compor suas “visões do sertão”, registrara o poder de rememoração que aquelas planícies exerciam, como se lhe ficassem estereotipadas na retina: “Sobremaneira notáveis todas as paisagens d’aquella mal conhecido recanto de Matto-Grosso...” (TAUNAY, 1923, p. 11). Taunay prossegue a narrativa, relatando que o cenário que o cercava estava continuamente mudando. As serras de Maracaju, que tanto o impressionaram, mostravam suas reentrâncias e saliências e as bandas do aldeamento dos índios terenas da Pirainha causando legítimo pasmo, com

[...] arcos, arcos naturaes de extraordinaria regularidade geometrica, já destacados [...]; letras, inscrições, traços, greças, como que borrados pela mão do homem, algum mysterioso e cyclópeo artista; columnas a meio partidas, porticos inacabados ou então rasgões monumentaes, quer singelos, quer ornamentados de delicadissimos recortes e rendilhados –, enfim, essas formas tão caprichosas e variadas, [...] como se por alli houvesse, em tempos fabulosos, perpassado o genio fantasioso, criador, subtil, de algum architecto árabe. (sic). (TAUNAY, 1923, p.13-14).

É ilustrativo o fato de que a expansão do Pantanal da Nhecolândia deu-se seguindo a orientação de que a Leste as terras do Nheco tinham o limite da sua ambição; terras sem dono e sem fim – em 1899 as terras já legalizadas somavam 380 mil hectares –

: “Eram grandes extensões de pastagens em terra firme. Firm e foi o nome dado ao lugar. Fazenda Firme depois, célula inicial de toda a Nhecolândia” . (BARROS, 1998, p.80).

Essa região, encravada no coração da América, assim caracterizada, parece ter sido, por força de um magnetismo próprio – centro geodésico da América Latina –, alvo de afetos dos escritores que por ali estiveram e viveram, ou, ainda, por efeito de seus próprios encantos, teriam feito imprimir nas melhores páginas da literatura brasileira sua natural vocação marcada por riquezas culturais, ecológicas, turísticas e econômicas que, por motivações poéticas ainda mais justificadas, fertilizaram um dos mais representativos textos do escritor mineiro Guimarães Rosa e também os do escritor sul-mato-grossense Manoel de Barros. Referimo-nos ao relato “Entremeio com o vaqueiro Mariano”, de Rosa, e grosso modo à obra de Manoel de Barros, especialmente seu **Livro de pré-coisas**, cujo subtítulo *Roteiro para uma excursão poética no Pantanal* tem se mostrado como um produtivo elemento paratextual.

A aproximação dos dois artífices da palavra toma por projeção de um “encontro marcado” nas paragens da Fazenda Firme, tendo por quadro de fundo a Planície da Nhecolândia. Segundo Manoel de Barros, esse encontro se deu em junho de 1953, quando Rosa, embevecido pela prosa de um vaqueiro – o Mariano – ia construindo o seu relato à medida que cavalgava pelo Pantanal, onde “repetiam-se as paisagens”. A conversa de Rosa não era só com o vaqueiro Mariano, era também uma conversa com Manoel, que é quem nos fala do sabor e do *élan* daquelas conversas: “Nossa conversa era desse feitio. Ele (Rosa) inventava coisas de Cordisburgo. Eu inventava coisas do Pantanal” (BARROS, 1990, p. 338). Pantaneiro e/ou vaqueiro, tanto Rosa quanto Manoel mostram-se exímios campeadores em sua “tauromaquia” da palavra. A expressão *ser pantaneiro de chapa e cruz* – como se apresenta Manoel de Barros –, além de seu significado cultural, aquele que tem a sua ancestralidade autenticada, puro de origem, gente simbolicamente brasonada (BARROS, 1998, p. 34), também confirma o caráter desingularidade que atribuímos à poética manoelina. A arte de inventar, compartilhada por Rosa e Manoel de Barros, transforma o Sertão e o Pantanal, pertencentes à mesma categoria de terra-do-sem-fim, num pretexto, também pré-texto, para aquilo que Manoel explica como sendo a loucura do verbo: “Temos que enlouquecer o nosso verbo, adoecê-lo de nós, a ponto que esse verbo possa transfigurar a natureza” (BARROS, 1990, p.341),

cujos exemplos ilustrativos poderiam ser o relato “Com o Vaqueiro Mariano”, *um livro intenso de poesia e transfigurações*, ou um dentre os vários textos de Manoel que tomam o regional como “Pretexto”, segundo este título de um dos textos de **Para encontrar o azul eu uso pássaros**, do qual extraio os seguintes versos: “Que as minhas palavras não caiam de / louvamento à exuberância do Pantanal. [...]. Que eu possa cumprir esta tarefa sem / que o meu texto seja engolido pelo cenário.”. Ora, o que se lê nestes versos, e no livro-álbum como um todo, é a intensificação do regional pantaneiro, que é autenticado, sobretudo, pelas imagens fotográficas que formatam a materialidade do livro, propondo a construção de uma leitura relacional, intersemiótica, entre os dois textos, o verbal e o imagético.

O referido encontro de Rosa e Manoel de Barros ganha, no relato da conversa que tiveram, um sabor de coisas inventadas à maneira do próprio vaqueiro Mariano que, sabendo, e por saber a seu modo particular de ver e explicar o Pantanal como mundo, recria recortes de textos, de enunciados colhidos ao longo do tempo e da vida. Resultado da inventividade e da oralidade dos narradores-contadores de causos pantaneiros. Nesse sentido, é bem oportuna a observação do crítico Wan der Miranda:

Nas obras de Guimarães Rosa, há conflitos também. Guimarães Rosa conseguiu fazer algo extraordinário: **Grande sertão: Veredas** é, nas palavras de Roberto Schwarz, o resultado de quinhentos anos de oralidade. É totalmente oral e, ao mesmo tempo, totalmente letrado. (MIRANDA, 2006, p. 165).

É ilustrativo, por exemplo, o caso dos sapos cantores: ao relatar a conversa que teve com Rosa, Manoel diz que perguntara se em Minas tinha sapo demais, ao que Rosa, desafiando, respondeu: “Tem quase menos que por aqui, mas os poucos que tem por lá cantam mais bonito.” O teor dessa conversa não se pode atribuir, originariamente, à invenção dos dois (Rosa/Manoel), a menos que se considere o relato da conversa a partir do estatuto do sujeito da enunciação. Porque, segundo um outro relato, mais recente, o das crônicas da gente pantaneira, na realidade, a referência aos sapos cantores é atribuída ao inveterado bairrismo dos primeiros

livramentos migrantes do pantanal: o velho Mané Gregório, proveniente do Livramento, parente do pai de Manoel de Barros, recém-chegado

à beira do rio Paraguai, exibia as vantagens do Livramento, mas era obrigado a concordar que sapo, afinal, aqui tinha mais; mas os poucos de lá (do Livramento) cantavam mais bonito... Por aí fora, o bairrismo de cuiabanos e livramentos é descrito minuciosamente por Abílio de Barros, chegando às raias de um provincialismo regional e do isolamento grupal caracterizadores do insulamento muito próprio da “nossa gente”: “Do Livramento e Cuiabá tudo era melhor. Pacu do rio Paraguai tinha gosto de lodo, a cana era aguada, a abóbora, sem gosto. Da banana, nem falar, pois a do Livramento, no cortar, escorria mel”. (BARROS, 1998, p. 56).

Deixemos a interessante querela, tão própria de vaqueiros e prosadores, na sua inveterada vocação de contar histórias – concordando com Rosa que, se verdadeiras, belas são as histórias, se imaginadas, ainda mais –, para acompanharmos nossos dois prosadores pelas terras do Nheco. A comparação do vaqueiro Mariano com o escritor é lindamente declarada por Guimarães Rosa já no enunciado de abertura de seu relato: “Em julho, na Nhecolândia, Pantanal de Mato Grosso, encontrei um vaqueiro que reunia em si, em qualidade e cor, quase tudo o que a literatura empresta esparso aos vaqueiros principais.” (ROSA, 1994, p. 775). Logo depois o narrador roseano, refletindo sobre as lides de um e de outro, da sua assaz solidão, que é também, no nível metafísico e existencial, motivadora de toda uma paisagem da desolação, problematiza o próprio ato de narrar como sendo um ato de resistência:

Te aprendo ao fácil, Zé Mariano, maior vaqueiro, sob vez de contador. A verdadeira parte, por quanto tenhas, das tuas passagens, por nenhum modo poderás transmitir-me. O que a laranjeira não ensina ao limoeiro e que um boi não consegue dizer a outro boi. Ipso o que acende melhor teus olhos, que dá trunfo à tua voz e tento às tuas mãos. Também as histórias não se desprendem apenas do narrador, sim o performam; narrar é resistir. (ROSA, 1994, p. 779).

Confirma-se nesses fragmentos a luminosidade do verbo: “Olha aí, Manoel, sem folclore nem exotismos – como você queria” (BARROS, 1990, p. 341). Nem folclore, nem exotismos – disse Rosa –, antes a visão de uma paisagem transfigurada pelo sujeito que, em silêncio, assiste ao pôr-do-sol, tendo-o como suporte de uma paisagem mais

densa, volátil: o homem, o pantaneiro, o vaqueiro. Se o humor e a ironia sempre destilaram sua seiva nas melhores páginas da literatura, nesses textos eles encontram sua condensação genuína. Quer venha do vaqueiro Mariano, ou ainda do Bernardo, esse transfecedor da natureza (*alter ego* de Manoel), “ser cuja palavra amplia o silêncio”, a predisposição para o jogo intelectual é uma constante que resulta em palavras ácidas, farpas trocadas, entre risos. Com isso, o poeta reflete a ânsia do pantaneiro, naturalmente afeto ao espírito irônico constitutivo do gracejo, do ato inteligente. O episódio envolvendo o Neco Caolho – conforme relata Barros – é síntese ilustrativa dessa índole pantaneira: vinha o Neco Caolho pela calçada, quando uma das moças do grupo, lança-lhe a pergunta irônica: “Seu Neco, feiúra dói?”. De imediato, veio a resposta ferina: “Acho que não, minha filha, eu nunca vi você gemer!”. Essa estória, com os elementos definidores de um espírito crítico peculiar – ironia, surpresa e certa dose de agressão – até parece caracterizar o estilo de um embaixador muito conhecido nosso – Roberto Campos – que, por sinal, é de origem papabanana e vem a ser sobrinho-neto daquele Neco Caolho da ilustrativa estória narrada por Barros.

Quer se chamar a atenção, aqui, para a condição de emaranhamento que perpassa o horizonte do pantaneiro, entrelaçando a paisagem num ato performativo, onde o ser pantaneiro é ser arborizado e é, por extensão, a própria paisagem; o seu isolamento, o seu pequeno mundo de conhecimento, é sobrepujado pela recorrência às imagens e brincadeiras, ou como diz Manoel de Barros: “No uso de cantos e recontos / O pantaneiro encontra o seu ser. / Aqui ele alcança a altura das manhãs / E os cinzentos do entardecer.” Esse emaranhamento do sujeito com a paisagem e com o infinito acaba compondo o Texto, único, complexo. “Quisera humanizar de mim as paisagens. / [...] / Que eu possa cumprir esta tarefa sem / que o meu texto seja engolido pelo cenário.”

Um momento de máxima transfiguração poética é o da queimada. No relato de Rosa, a queimada é mais do que uma herança cultural, necessidade agro-pastoril; ela metamorfoseia o olhar fascinado do sertanejo que aprecia o espetáculo do incêndio. O entrechoque, o entreofuscamento da queimada, do fogo propriamente dito, com o cair da tarde ou da noite, evoca, para além do relato de Rosa, outras imagens poéticas como as dos versos de Guilherme de Almeida: “Tarde grande tarde / de verdade/ [...] Tarde autêntica em que há / apenas o calor, a fumaça pesada / e o estouro oco dos toros verdes na

queimada / grande, teatral / como um crepúsculo artificial.” E nestes outros versos de Castro Alves: “O estampido estupendo das queimadas / Se enrola de quebradas em quebradas / Galopando no ar” (WERNECK SODRÉ, 1966, p.211). Enfim, a paisagem, simultaneamente desoladora e encantatória, arranca de sua matriz poética, transfigurada, o grande poder fátuo que o verso manoelino *os arrebóis latejam* emoldura dentro de uma paisagem exuberante: o fogo que corre pelas macegas quer tomar, à noite imensa, com o brilho de sua lua e estrelas, seu poder de velar segredos de beleza... E quando passa, o fogo deixa ver o que repousava no limbo da aparência – cinzas, floradas no campo, caramujos, ossos e terras vermelhas, antes vislumbradas apenas em sua densa poeira.

Não seria desses arrebóis, ou dessa *grande tarde de verdade*, que nos fala Manoel de Barros, mais uma vez, quando procura uma frase para encimar as fotografias de seu livro-álbum **Para encontrar o azul eu uso pássaros?**: “Nesta hora de escândalo amarelo / os pingos de sol nas folhas / cantam hinos ao esplendor”. Para em seguida anotar sobre a fotografia de uma palmeira: “Uma palmeira coberta de abandono / é como um homem / de escura solidão”.

Mas a gente já está chegando de volta, disse o vaqueiro Mariano, o Firme é ali... E aponta para Rosa.

Olhei. Vinha uma nuvem, engrossado vulto, rodando no ar. Seu revoloteio era muito lento; parecia abdoirme enxame de abelhas. Zumbia, zunia. Ora turbilhonava, sempre à mesma altura. Oscilou, foi, veio.

– É um bandão de caturritas... O senhor repare naqu ele redondo de espinheiro, mais alto, mais verde do que o capim: ali é uma baía seca, que não recebeu água este ano... As caturritas comem as frutinhas do espinheiro, elas vão p’ra lá... O bolo negro balançou-se mais, subiu como um deslastrado balão, pairando, al to, bem por cima do círculo de arbustos. Partiam clingos, pios, do primitivo rondo de rio cheio. Algumas caturritas se desprenderam e entrevoaram em volta, expeditas, mas tornavam logo ao bando. A massa boiava no ar e bojava. Por que não desciam?.

– É a hora!

Do fundo da bola, aves se despegaram, umas. Baixavam, colorindo-se de verde: quando iam tocar nos ramos, já estavam do tom do espinheiro. E gritavam, de alegria. Derramaram-se outras, uma porção, todas desciam. Era uma chuva, era esplêndido: as caturritas se despenhavam, escorriam, caíam em catarata.

Quando o vôo se dissipou, Mariano desmanchou a minh a surpresa.

– Vou mostrar ao senhor um ninho de tabuiaíá... – disse. E, como quem corrige:

– Aquelas voando ali são curicacas... Tem a curicac a-do-brejo e a curicaca-do-seco...

Retomamos a andada, repetiam-se as paisagens. Os mesmos baixadões, entre

compridos matos ou grupos de palmeiras, os sempre campos seguidos – pontilhados de barreiros e areiões, salinas e baías, riscados de corixos e vaz antes – o pasto franco, em que o gado folga em famílias promíscuas, ou onde os bois palustres perinvernam. O latido dos socós; os tuiuíus de plastrons vermelhos; o frango-d’água, voando de bico em riste; revôos os dos colheireiros, como pálios cor-de-rosa. Os touros enlotados espontaneamente. As vacas perpassivas, remugindo, desdeixadas Pasifaes. O pio branco da piririta. Ossadas tristes, roladas no verde. Os bois, formando constelações ou longos rebanhos caminhando para a aguada, um pós um, trás atrás. Capim-branco, capimvermelho-. Baldio, o céu solúvel. E as garças, virgíneas, reginais, ou procissões de almas em sudários. [...]. (ROSA, 1994, p. 797-798).

Evoco, ainda uma vez, o encontro marcado que tiveram, nas paragens do Firme, Guimarães Rosa, Manoel de Barros e o vaqueiro Maria no, enaltecendo a simpatia que o vaqueiro pantaneiro despertou em nossos dois escritores. Tanto na entrevista famosa quanto na carta singular, Guimarães Rosa mostrou o quanto as “veredas” do sertão pantaneiro marcaram sua obra. Na entrevista concedida ao seu tradutor alemão, Günter W. Lorenz, ele afirma: “Eu queria que o mundo fosse ha bitado apenas por vaqueiros” (LORENZ, 1973, p. 323). E, ao se despedir da viagem que fizera à nossa região, assim escreveu numa carta para um conterrâneo s ul-mato-grossense:

Não esqueço o boi laranja. [...] Sorvi o bafo do ca mpo largo, os berros dos bois, toda a vivência de uma gente sadia e brava, ao longo do tropear das boiadas, esse mundo autêntico de sentimento, pitoresco, variado e sincero. [...] Apreciei imenso as passagens no genuíno linguajar nativo – gostoso como o tereré, como a guavira. Deu-me vontade de voltar um dia a esse Mato Grosso Meridional, que me deslumbrou tanto: rever Aquidauana, Nioac, Miranda, Dourados, a Fazenda Jardim e o ‘Buracão do Perdido’ [s.n.t.]

4

⁴⁴ A guavira é um arbusto silvestre da família das Mirtáceas (a mesma da goiaba, da jabuticaba e da pitanga), gênero botânico Campomanesia, que cresce nos campose pastagens. Por fora ela lembra uma goiabinha, mas o sabor é totalmente diferente de qualquer outro fruto. Existem muitas espécies de plantas diferentes que recebem o nome de guavira, algumas atingindo o porte de árvores. Em Mato Grosso do Sul temos as espécies Campomanesia adamantinum e Campomanesia pubescens. O fruto, um dos mais característicos do nosso Cerrado, já foi devidamente homenageado pela violeira Helena Meirelles em seu CD “Flor da Guavira”. Quem vem para a região na época certa (geralmente entre novembro e dezembro) não pode ir embora sem prová-los - seja in natura, em sorvetes ou na cachaça. Nativa do Brasil, especialmente do Cerrado das regiões Sudeste e Centro-Oeste, disseminou-se para outros países da América do Sul, sendo bastante encontrada na Argentina, no Uruguai e no Paraguai. A palavra “guabiroba”, como a planta é conhecida nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Goiás, vem dos termos tupi-guarani “wa’bi” + “rob”, que significam “árvore de casca amarga”. Por sua copa vistosa, é comumente usada em projetos de paisagismo como árvore ornamental. Outros Nomes

3. Um gosto de guavira: é bem Mato Grosso do Sul

Um agudo olhar de ver o mundo
adorna estes seres
de melancolia.

Manoel de Barros.

Para encontrar o azul eu uso pássaros.

Sob a perspectiva deste artigo, quero eu próprio pensar “o lugar”, pensar do meu lugar metaforicamente enquanto espaço, que é nominado como o regional, o local, o próprio, o particular, tópicos esses que demandam, por sua vez, sempre seu contrário; pensar na idéia de que eu falo, penso e existo a partir de um lugar.⁵ Assim, retomo as palavras do poeta do Pantanal, Manoel de Barros, através da imagem dos “deslimites do vago”, pela razão maior do lugar desta enunciação: “No Pantanal ninguém pode passar régua [...] A régua é existidura de limite. E o Pantanal não tem limites. [...]. Por aqui é tudo plaino e bem arejado pra céu. Não há lombo demorro pro sol se esconder detrás. Ocaso encosta no chão. Disparate de grande este cor tado. Nem quase não tem lado por onde a gente chegar de frente nele. Mole campanha sem gumes. Lugares despertencidos.” (BARROS, 1985, p. 31). Lugares onde as coisas acontecem por meio do “não-movimento”: Elas apenas aparecem. Imagens do visto e do que se vê, em um tempo primordial. Lugares sem limites que tomei como metáfora do que aqui se quis dizer, na e da perspectiva teórico-crítica que discuti no espaço o deste texto e de um *locus* de enunciação específico.

Pensar sob a condição de um “vidente dos pantanais” , onde muito pouco ou quase nada acontece. Como diz ainda Manoel de Barros: “As coisas que acontecem aqui, acontecem paradas. Acontecem porque não foram movidas. Ou então, melhor dizendo:

Populares: gabirola, gabirobeira, gabirova, gavirola, goiaba-da-serra, guabirola-da-mata, guabirola, guabirola, guariroba, guarirova, guavira, guavirola e guavirola. Cf.: Daniel De Granville, <http://www.fotograma.com.br/textos/2005/05/guavira-tradi.htm>. O Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS mantém uma Revista Científica com o nome *Guavira*: Cf.: <http://www.ceul.ufms.br/guavira/>. Também, a cidade de Bonito, MS, realiza anualmente Festival da Guavira.

⁵ Para esta reflexão, contribuiu o “Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?”, de Edgar Nolasco. Ensaio apresentado na X Semana de Letras “ Povos do Pantanal” da UNIDERP. Campo Grande. 2006. Mimeografado.

desacontecem”. (p. 33). No texto “Manoel por Manoel ”, de seu último livro,⁶ o poeta recoloca sua voz enunciativa: “Então, eu trago [...] a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a poesia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido, onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela.” (BARROS, 2006, p 21). Evocando também o ponto alto das reflexões de Achugar, ao sublinhar “em que medida a transformação na construção das identidades locais está regida pela tradição, pelo rito, ou pela inércia – e não pela globalização.” Pensar a heterogeneidade própria e histórica de nossos países, mediante a qual nossas tradições e heranças culturais permitem combinar, mestiçar, hibridar, transculturar o hambúrguer do McDonalds com o mate uruguaio, o chimarrão e o tereré tal como ainda agora fazemos na fronteira Brasil – Paraguai. Pensar assim a imagem de uma Babel, como no recente filme de Alejandro González Iñárritu (2006), lugar que nos ensina a ver para “além dos binarismos”.

Nessa Babel, parece haver lugar para a presença, para a “permanência” da figura do vaqueano Blau Nunes que narra os **Contos gauchescos**, de Simões Lopes Neto e mais os tantos “tropeiros” humildes do **Antonio chimango**; evocando ainda, *last but not least*, o clássico **Tropas e boiadas** (1950), do regionalista goiano Hugo de Carvalho Ramos (1895-1921), essa jóia fundamental e pedra de toque da literatura regionalista brasileira no melhor padrão de Simões Lopes Neto e Afonso Arinos, que veio a ser publicada, em edição primorosa, mais de 50 anos depois da sua última edição (Lacerda Ed., 2003, p.191).

4. Considerações finais

À guisa de conclusão, a citação abaixo traduz e sintetiza a reflexão desenvolvida pela historiadora Aline Figueiredo, ao circunscrever a região cultural do entorno do Pantanal mato-grossense:

Desde o século XVI, nossa região é anotada, desenhada e

⁶ BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas para crianças** / Manoel de Barros ; ilustrações de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006. 23p.

estudada por cientistas *free-lancers* ou integrantes de grandes expedições ou mesmo por comandantes e missionários interessados. [...] Costumo dizer que a distância e o isolamento foram responsáveis pelas dificuldades do nosso desenvolvimento, mas é exatamente o enfrentar a esses entraves quem constrói a cronologia do próprio desenvolvimento, resultando disso a nossa história. [...] Temos o espaço de amplos horizontes do Planalto, talvez por isso sejamos tão sonhadores. Temos a vasta depressão da planície pantaneira, talvez por isso sejamos tão enclausurados. Ao mesmo tempo, temos as alturas da grande Cordilheira a nos ventilar ares libertadores, talvez por isso sejamos tão idealistas, pois, prisioneiros, o sonho da liberdade é a mais cara das nossas esperanças. Estamos no centro, quem sabe nos venha daí a consciência da síntese e nela a receptividade consagradora. Somos o coração da América, talvez por isso sejamos tão apaixonados. (FIGUEIREDO, 1987, p.8-9).

Se a citação, assim formulada, desenha um espaço-tempo que é e não é nosso, pois, se nele habitamos e a ele pertencemos, ela também é a evocação de diversas temporalidades e textualidades diferentes. No plano da transversalidade, o ontem e o hoje se encontram, assim como o arcaico e o moderno mantêm-se na reconfiguração de uma dada região cultural. Por isso mesmo, torna-se relevante refletir sobre as produções regionais enquanto narrativas que são tessituras do local. Apesar da fluidez da idéia de região e regionalismo, a investigação nesse campo tende à consolidação de uma série de escritores, obras e produções simbólicas que justificam o rótulo de uma literatura regional, fornecendo razão para refletirmos, por exemplo, entre outras questões, sobre a do ensino da literatura produzida em Mato Grosso do Sul. Escritores como Hélio Serejo, Hernâni Donato, Lobivar Matos, Raquel Naveira, Brígido Ibanhes e Manoel de Barros, encontram-se entre os nossos mais representativos nomes na prosa narrativa.

A abrangência teórica do conceito de regionalismo, a partir de novos aportes dos estudos culturais e de literatura comparada, ganha pertinência, hoje, sobretudo, em função da crescente globalização cultural, atravessando e reconfigurando fronteiras, ao redesenhar diferenças de etnia, gênero e outras formas de pertencimento que fazem do regional renovada categoria trans-histórica. Os estudos regionalistas acentuam e recriam os paradoxos entre o local e o global, o centro e a periferia, a metrópole e a colônia, o próprio e o alheio, como modos de articulações em novos discursos. Dito de outro modo, em tudo e por tudo, o regionalismo torna-se hoje um conceito operatório apto e validado,

em sua análise, para explicar os atuais transladamentos culturais e ao que o discurso crítico latino-americano denomina “transculturação narrativa”.

Sob essa perspectiva, este trabalho é o resultado do projeto de pesquisa *Regionalismos culturais: contatos e relações entre literaturas de fronteira* que hora desenvolvemos. Trata-se de um projeto que antecipa alguns resultados, mas que já sinaliza para sua continuidade, na medida em que integra um projeto maior, do GT de Literatura Comparada da ANPOLL, que visa à discussão do conceito de super-regionalismo, entre outros conceitos de crítica na América Latina.

5. Referências bibliográficas

BABEL. Direção: Alejandro Gonzáles Iñárritu. Produção: Steve Golin, John Kilik. Roteiro: Guillermo Arriaga. Intérpretes: Brad Pitt; Cate Blanchet; Gael García Bernal; Koji Yakusho e outros. (sl.): Paramount Pictures, 2006. 1 filme (142min), son, color.

BARROS, Abílio Leite de. **Gente pantaneira**. (Crônicas de sua História). Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1998, 251p.

BARROS, Manoel de. “Conversas por escrito (1970-1989), Entrevistas”. In: **Gramática expositiva do chão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990, 343p.

BARROS, Manoel de. **Livro de pré-coisas**. Roteiro para uma excursão poética no Pantanal. Rio de Janeiro: Philobilion Livros de Arte Ltda., 1985, 94p

BARROS, Manoel de. **Para encontrar o azul eu uso pássaros**. 1ª ed. Campo Grande: Saber Sampaio Barros Editora, 1999.

BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas para crianças** / Manoel de Barros ; ilustradas de Martha Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006. 23p.

BERWANGER da Silva, Maria Luiza. “Limiares críticos e paisagem da transgressão”. In: **Limiares Críticos** - Coleção A teoria na prática ajuda - GT de Literatura Comparada da ANPOLL. Rio de Janeiro: UERJ, n.º. 6, 1998.

FIGUEIREDO, Aline. Por uma identidade Ameríndia. In: **Catálogo do VI Salão de Artes Plásticas de MS**: por uma identidade Ameríndia. Campo Grande: FCMS/SEC, 1987.

_____. **A propósito do boi**. Cuiabá: Editora da UFMT, 1994.

FLORENCE, Hércules. **Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas de 1825 a 1829**. Trad. Visconde de Taunay. São Paulo: Melhoramentos, 1948.

HATOUM, Milton. **Literatura & Memória**: notas sobre Relato de um certo oriente. São Paulo: Editora da PUC/SP, 1996.

KALIMAN, Ricardo. **La palabra que produce regiones**. El concepto de region desde la teoria literaria. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán, Facultadde Filosofia y Letras, Instituto de Historia y Pensamiento Argentinos, Julio 1994.

KALIMAN, Ricardo. Un marco (no “global”) para el estudio de las regiones culturales. In: _____. **Las regiones culturales**. Tucumán: Universidad Nacional de Tucumán – CONICET, 1998.

LORENZ, Günter W. **Diálogo com a América Latina**– Panorama de uma literatura do futuro. Trad. Rosemary Costhek Abílio e Fredy de Souza Rodrigues. São Paulo: E.P.U., 1973.

MASINA, Léa. Um Roteiro singular (Prefácio). In: SANTOS, Paulo Sérgio Nolasco dos. **Fronteiras do local**: Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense. Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

Miranda, Wander Melo. In.: **Ficções do Brasil**: conferências sobre literatura e identidade nacional [coordenação: Marcílio França Castro; colaboração: Ana Martins Marques e Francisco de Moraes Mendes]. Belo Horizonte: Assembléia Legislativa do Estado de Minas Gerais, 2006. p. 131-169: A arte política de Graciliano Ramos.

RAMOS, Hugo de Carvalho. **Tropas e boiadas**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 2003.

ROSA, João Guimarães. “Entremeio com o vaqueiro Mariano”. In: **Ficção completa** . Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S.A.,1994. Vol. II, 1190p, p.773-799.

SANTOS, Paulo Sergio Nolasco dos. Regionalismo: reverificação de um conceito. In:_____.**Fronteiras do local**: Roteiro para uma leitura crítica do regional sul-mato-grossense. Campo Grande: Editora UFMS, 2008.

TAUNAY, Visconde de. **Visões do sertão** . 1ªed. São Paulo: Off. Graph. Monteiro Lobato, 1923. 247p.

WERNECK SODRÉ, Nelson. “A queimada”. In: **Tipos e aspectos do Brasil**. 8ª ed., IBGE- Conselho Nacional de Geografia. Rio de Janeiro: 1966, 491p.

<http://www.ceul.ufms.br/guavira/>

http://www.fotograma.com.br/textos/2005/05/guavira_-_tradi.htm